

JOAQUIM MAURÍCIO CARDOSO: UM INTELLECTUAL BAIANO COM RAÍZES SERGIPANAS.¹

Wanessa Vieira (Universidade Federal de Sergipe)

nessinhavi@gmail.com

Palavras-chave: Intelectuais, sociedade açucareira, biografia

Levando-se em consideração a importância da memória na tentativa de reconstrução do passado, este artigo propõe-se a analisar as relações sociais em Sergipe que permeiam as décadas de 1820 a 1840 época em que viveu o intelectual baiano Joaquim Maurício Cardoso que contribuiu fortemente para o desenvolvimento da intelectualidade sergipana, numa abordagem biográfica. Num primeiro momento faz-se necessário um breve olhar sobre o estudo biográfico e suas implicações na História da Educação, em seguida procura-se recriar o momento social da época do pesquisado aliando às fontes encontradas sobre o mesmo numa tentativa de mesclar as informações. Vale ressaltar que a pesquisa está em fase de andamento.

A Biografia hoje vive um momento instigante. Criticada pelos historiadores tradicionais, que a consideravam parte de uma arte na qual não poderiam ser adicionados métodos científicos, propostos pelo positivismo e, por esse motivo criavam uma linha divisória sobre o que é artístico e sobre o que é científica, a biografia atual ganha outro enfoque. A Nova História Cultural vem pra auxiliar nesse processo de libertação da história tradicional. O historiador agora tem(e deve ter) autonomia para fazer a crítica sobre o que está pesquisando tendo em vista que todo documento tem incutido em si valores ideológicos de uma determinada sociedade e todos os vestígios têm por trás de si uma intencionalidade, tudo isso, lógico, numa perspectiva ética. O biógrafo deve ter contato íntimo com seu objeto, analisar o que tem por trás de tudo que lhe foi apresentado, de todas as suas fontes. BORGES afirma em uma citação no seu trabalho:

“O tipo mais completo de uma biografia seria aquele em o biógrafo realiza um ‘mergulho na alma’ de seu biografado, conseguindo penetrar no que veríamos como a intimidade da pessoa já desaparecida(...)E como se daria

¹ Texto apresentado ao Congresso Brasileiro de História de Educação.

esse penetrar? Basicamente por meio dos documentos da ‘escrita de si’ ou de ‘produção de si’, que podem nos revelar a intimidade do biografado.”²

Voltando ao nosso tema, o Brasil, em 1820, vivia o “apogeu imperiano” devido à chegada da Corte Portuguesa ao Brasil, resultado da declaração do bloqueio continental declarado por Napoleão Bonaparte à Inglaterra e, aos seus aliados, dentre eles, Portugal.

A deposição da casa de Bragança ordenada por Napoleão fez com que, em 24 de janeiro de 1808 chegasse à Bahia a frota da Coroa Portuguesa transferida em 07/03/1808 para o Rio de Janeiro³.

Devido a esse fato a colônia ganhou sua emancipação econômica indiretamente (ou diretamente) ligada à melhoria das condições de instalação dos portugueses no Brasil. O clima com os nativos também não era nada promissor e começavam a surgir rebeliões em todo o Brasil, como por exemplo, a revolução de 1817, em Pernambuco.

Em 1822, com a perda da simpatia pelo absolutismo na América e envolto à revoltas e rebeliões, D. Pedro declara a Independência do Brasil, pelo menos teoricamente.

“A independência trouxe para o Brasil uma nova dimensão do poder, na qual as possibilidades de mando do senhor, pela primeira vez, transcendem aos limites do domínio senhorial e alcançam o poder político especificamente falando”⁴.

Em Sergipe, em meados do séc. XVIII notou-se uma grande expansão canavieira devido às boas condições de suas terras para o plantio e cultivo da cana-de-açúcar. Reflexo também do que acontecia no resto do país onde a monocultura latifundiária ganha um poder extraordinário.

“... vencido o jesuíta, o senhor de engenho ficou dominando a Colônia quase sozinho. O verdadeiro dono do Brasil. Mais do que os vice-reis e os bispos.”⁵

Em 1824, por exemplo, eram registrados em todo estado 232 engenhos⁶ e em 1840, 344⁷. Tal expansão não teria sido possível se não fossem as concessões das sesmarias (terras doadas pelas autoridades públicas a pessoas importantes de qualquer

² BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org) 2.ed. Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2006.p.214

³ RIBEIRO, João. *História do Brasil*. Curso Superior. 16. ed.Rio de Janeiro: Livraria São José. 1957. p.319-320

⁴ NUNES, Maria Thétis. *Sergipe Provincial I (1820/1840)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 2000.p.21

⁵ FREIRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51. ed. São Paulo: Global, 2006. p. 38

⁶ NUNES, Maria Thétis. *Sergipe Provincial I (1820/1840)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 2000. p.22

⁷ NUNES, Maria Thétis. *História de Sergipe*. A partir de 1820. Rio de Janeiro: Cátedra, Brasília: INL, 1978 p. 26.

nacionalidade, católicas, que apoiassem o rei e tivessem renda para conservá-las). No início da colonização de Sergipe, a cana-de-açúcar era considerada uma atividade secundária para a concessão das sesmarias, mas, a partir do séc. XIX ela se torna mais importante até do que a pecuária⁸. Inicia-se, então, no interior sul-sergipano a sociedade canavieira que concentravam em seus latifúndios e no interior de suas Casas-grandes toda forma de poder, uma espécie de “feudalismo brasileiro”.

“A casa-grande, completada pela senzala, representa todo um sistema econômico, social, político: de produção (a monocultura latifundiária); de trabalho (a escravidão); de transporte (o carro de boi, o bangüê, a rede, o cavalo); de religião (o catolicismo de família, com capelão subordinado ao *pater familias*, culto dos mortos, etc.); de vida sexual e de família (o patriarcalismo polígamo); de higiene do corpo e da casa (o ‘tigre’, a touceira de bananeira, o banho de rio, o banho de gamela, o banho de assento, o lava-pés); de política (o compadrismo). Foi ainda fortaleza, banco, cemitério, hospedaria, escola, santa casa de misericórdia, amparando os velhos e as viúvas, recolhendo os órfãos.”⁹

E, por conseqüência, a luta por territórios:

“Assim, pois, a Bahia, que sempre exerceu supremacia política na terra brasileira, desde 1549 até o presente, tem vivido em desarmonia, por questões de limites ainda pendentes, com os Estados de Sergipe, Espírito Santo, Minas, Pernambuco, Goyás e Piauí (...). A última e presente fase da luta provocada por Sergipe, que tem sido o mais irrequieto, por ser o mais prejudicado...”¹⁰.

Por serem muito rentáveis na plantação da cana-de-açúcar, as terras próximas ao Rio Real, foram palco de inúmeros embates entre as capitânicas da Bahia e de Sergipe. As regiões onde se situam hoje os municípios de Indiaroba e Santa Luzia do Itanhhy foram as que mais sofreram com as lutas territoriais entre Bahia e Sergipe.

“... por servir o mesmo Rio Real de divisão aos termos cidades da Bahia e de Sergipe, ficando o termo da cidade da Bahia do dito Rio para a parte do Sul e o da cidade de Sergipe, do mesmo Rio para a parte do Norte, divisão assentada entre as duas cidades desde a sua

⁸ DINIZ, Diana M. F. Leal, DANTAS, Beatriz Góis (org). *Textos para a História de Sergipe*. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe/BANESE, 1991. p. 174

⁹ FREIRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51. ed. São Paulo: Global, 2006. p. 36.

¹⁰ CARVALHO, Lima Júnior. *História dos Limites entre Sergipe e Bahia*. Aracaju, 1918.

primeira fundação... hua a que chamão Villa da Cachoeyra, a qual se signalou por tempo athé o Rio Real, que serve o de Sergipe...”¹¹.

Dessas últimas povoações mencionadas, Santa Luzia do Itanhy ganha importante destaque na História sergipana. Não só pela quantidade considerável de engenhos prósperos que tinha a região como também pela intelectualidade de seus ilustres moradores. Inclua-se a essa lista também os moradores de Estância, já que esta só se torna independente de Santa Luzia em 1848.

É nesta época que vive Joaquim Maurício Cardoso, em Estância, berço cultural sergipano deste período. Nascido em 1808 na Bahia, formou-se em advocacia provavelmente em cursos particulares já que no período de 1820 ainda não se tinha um ensino superior muito bem estruturado. Casou-se com a estanciana Joana Batista de Azevedo com quem teve os filhos: Severiano Cardoso (1840-1907), Brício Cardoso, professor (1844-1924), Sinphrônio Cardoso, professor de francês (1850-?), Melchisedeck Mathusalém Cardoso, bacharel (1860-1938), Manuel Maurício Cardoso (1864-1936), Inês de Azevedo Cardoso (?), Amélia Cardoso (?) e Valeriana Cardoso (?). Brício Cardoso que teve o pai como primeiro professor destaca-se posteriormente como um grande intelectual, criador do selo sergipano em 1892¹² e tem um filho chamado Maurício Graccho Cardoso que vêm a ser um dos mais importantes presidentes de Sergipe.

Joaquim teve forte influência na instituição do primeiro jornal sergipano, o Recopilador Sergipano, que circulou em 1832, tendo seu primeiro número publicado em setembro do mesmo ano. Publicado as terças e sábados na Villa Constitucional da Estância o jornal era planejado nas reuniões da primeira tipografia sergipana, a tipografia do Silveira, assim intitulada por pertencer ao Monsenhor Antônio Fernandes da Silveira¹³, seu amigo pelas conclusões que se pode tirar das fontes encontradas. Foi colega de trabalho de Pe. Domingos Quirino de Souza, também professor na região onde lecionava as Aulas Públicas de Francês e Latim. À Joaquim era incumbido o ensinar das cadeiras de Retórica e de Primeiras Letras da Estância, a partir de 1820. Segundo GUARANÁ¹⁴, Joaquim além de advogado era professor de Matemáticas e

¹¹ VIANNA, Francisco V. *Memórias sobre o Estado da Bahia*. Bahia, 1893

¹² FRANÇA, Vera Lúcia Alves, CRUZ, Maria Tereza Souza. *Atlas Escolar Sergipe*. Espaço Geo-Histórico e Cultural. Ed. Grafset: João Pessoa, 2007

¹³ GUARANÁ, Armindo. *Dicionário Bio-Bibliográfico Sergipano*. P. Pongetti: Rio de Janeiro, 1925. p.

23

¹⁴ Citado acima.

Geographia no Externato Provincial da Estância. Teve vários alunos que se destacaram no cenário intelectual sergipano como, por exemplo, João Sabino Vieira - médico, Jesuíno Pacheco d'Ávila- médico, deputado, Constantino José Gomes de Souza- médico, dentre outros. Segundo SILVA¹⁵ em sua dissertação de mestrado, Joaquim Maurício Cardoso é um dos professores mais citados em GUARANÁ¹⁶.

Joaquim também atuou na política como demonstra GALLY em sua dissertação de mestrado¹⁷ onde coloca que além de ser professor de latim e de retórica do ensino secundário, foi deputado provincial e advogado em Estância. Também foi fundador de uma escola prática de direito onde freqüentavam formados e não formados.

Aliás, é no ensino particular que Joaquim Maurício Cardoso se destaca, tornando-se professor dos jovens mais influentes da região de Estância.

“O ensino particular (privado, como era conhecido) desenvolvia-se promissor, atendendo-se a uma clientela numerosa, constituída pelos filhos dos senhores de engenho da próspera região açucareira que convergia para a bacia do rio Real. Entre seus professores, sobressaía-se Joaquim Maurício Cardoso, baiano radicado em Sergipe, ligando-se à sua história, não só pelos largos serviços prestados à vida educacional, como pelos seus descendentes.”¹⁸

Em 1832, o presidente da província de Sergipe, José Geminiano de Moraes Navarro (29/10/1833 a 13/02/1835) reuniu as cadeiras do ensino público de Latim, Retórica, Francês e Geometria existentes em São Cristóvão de uma forma isolada, em um Liceu, voltado para o ensino secundário, instalado no Convento do Carmo na mesma cidade. O Liceu Sergipense tinha como diretor frei José dos Prazeres Bulhões e, Joaquim Maurício Cardoso é convidado a ser vice-diretor e a ensinar as cadeiras de Francês e Retórica.¹⁹ Em 1835²⁰ o Liceu é extinto. Regressando Joaquim à Estância, dedica-se ao ensino particular, cuidando da educação dos mais influentes da região

¹⁵ SILVA, Eugênia Andrade Vieira da. *A formação intelectual da Elite Sergipana. 1822-1889*. São Cristóvão, 2004. p.36 nota 94

¹⁶ GUARANÁ, citado anteriormente é um dos mais respeitados textos sobre a intelectualidade sergipana já que reúne em uma única obra informações sobre as pessoas de mais destaque do cenário sergipano.

¹⁷ GALLY, Christianne de Menezes. *Brício cardoso no cenário das Humanidades do Atheneu Sergipense (1870-73)*. São Cristóvão, 2004. p. 58

¹⁸ NUNES, Maria Thétis. “Manuel Luís Azevedo d’Araújo, educador da ilustração”. IN: *Prêmio grandes educadores brasileiros: monografias premiadas*. Brasília: INEP, 1984. p.39

¹⁹ LIMA, Jackson da Silva. *Estudos filosóficos em Sergipe*. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1955. p. 29 *A Instrução da Mocidade no liceu sergipense: um estudo das práticas e representações sobre o ensino secundário na província de Sergipe. (1847/1855)* p. 29

²⁰ APES – Instrução Pública – 03/02/1835

centro-sul sergipana. Joaquim Maurício Cardoso falece em 1869, sem nem sonhar que mais tarde suas sementes geram frutos inesquecíveis para a História Sergipana.

BIBLIOGRAFIA

Livros:

CARVALHO, Lima Júnior. *História dos Limites entre Sergipe e Bahia*. Aracaju, 1918

CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. Entre práticas e representações. GALHARDO, Maria Manuela (trad). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988

DINIZ, Diana M. F. Leal, DANTAS, Beatriz Góis (org). *Textos para a História de Sergipe*. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe/BANESE, 1991

FRANÇA, Vera Lúcia Alves, CRUZ, Maria Tereza Souza. *Atlas Escolar Sergipe*. Espaço Geo- Histórico e Cultural. Ed. Grafset: João Pessoa, 2007

FREIRE, Gilberto. *Casa-Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51. ed. São Paulo: Global, 2006

GALLY, Christianne de Menezes. Brício Cardoso no cenário das Humanidades do Atheneu Sergipense (1870-73). São Cristóvão, 2004

GALVÃO, Ana M. de Oliveira, LOPES, Eliane M. T. História da educação. Rio de Janeiro: DP & A, 2001

GUARANÁ, Armindo. *Dicionário Bio-Bibliográfico Sergipano*. P. Pongetti: Rio de Janeiro, 1925

LIMA, Jackson da Silva. *Estudos filosóficos em Sergipe*. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1955

MAXWELL, Kenneth. Marquês de Pombal: paradoxo do Iluminismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

MICELLI, Sérgio. Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945). IN: *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001

NUNES, Maria Thétis. *História de Sergipe*. A partir de 1820. Rio de Janeiro: Cátedra, Brasília: INL, 1978

_____, Maria Thétis. “Manuel Luís Azevedo d’Araújo, educador da ilustração”. IN: Prêmio grandes educadores brasileiros: monografias premiadas. Brasília: INEP, 1984

_____, Maria Thétis. *História da Educação em Sergipe*. Sergipe: Paz e Terra, 1984

_____, Maria Thétis. *Sergipe Provincial I (1820/1840)*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 2000

RIBEIRO, João. *História do Brasil*. Curso Superior. 16. ed. Rio de Janeiro: Livraria São José. 1957

SILVA, Eugênia Andrade Vieira da. *A formação intelectual da Elite Sergipana. 1822-1889*. São Cristóvão, 2004

VIANNA, Francisco V. *Memórias sobre o Estado da Bahia*. Bahia, 1893

Capítulos de livros:

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org) 2.ed. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2006

BOURDIEU, Pierre. Ilusão biográfica. IN: AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta M. (org) *Usos & Abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998

LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. IN: AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta M. (org) *Usos & Abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento IN: *História e Memória*. 5.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003

Manuscritos:

Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES)
Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS)

Jornais:

Correio Sergipense – Trimestre IV nº 400-12/11/1842 e nº 407-14/12/1842

Referências Eletrônicas:

http://www.ssrevista.uel.br/c_v2n1_pesquisa.htm

http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler-asp?id=57847&titulo=Luiz_Antonio_Barreto pesquisado em 23/10/2007